

Quarto de despejo: A escrita como arma e conforto à fome**Silvana José BENEVENUTO¹**

Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatrizáveis. (Carolina de Jesus)

O diário de Carolina de Jesus nos revela o desejo de uma mulher que, mesmo vivendo em meio às mais degradantes condições de existência – cujos maiores momentos de alegria consistem nos instantes em que presencia o “espetáculo deslumbrante” da “gordura frigindo na panela (...) As crianças sorrindo vendo a comida ferver (...)” (JESUS, 19_ _, p. 37), ou, nos instantes em que sonha e imagina-se residindo “num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol” (JESUS, 19_ _, p. 53) – em mostrar-se enquanto ser humano que pensa, sente, comove-se, indigna-se e que tem como ideal de vida escrever tudo o que vivencia.

Carolina trabalha arduamente para conseguir colocar comida em casa para seus filhos, e, mesmo assim, arranja tempo para escrever, mesmo quando a barriga ronca e os filhos lamentam a ausência de comida sobre a mesa. Isso porque a escritora, como todo poeta, é sensível à beleza da vida, ainda que, todavia, em sua existência Carolina tenha se deparado com muitas dificuldades, injustiças, desprezo e preconceito. Como ela mesma nos diz: “Quem escreve gosta de coisas bonitas. Eu só encontro tristezas e lamentos” (JESUS, 19XX, p. 170).

Carolina encontra na escrita a possibilidade de se mostrar diferente dos demais moradores da favela, não se identifica com estes e, escrevendo, sente-se mais digna. Ela

¹ Graduanda em Ciências Sociais, membro do Grupo de Estudos de Literatura e Cinema e do PET/CAPES, pesquisa a *Literatura Marginal*.

nos conta que soube se separar das “banalidades” na qual estão envolvidas as outras mulheres da favela Canindé e formou seu “caráter” pela leitura e pela escrita:

O que me aborrece é elas vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior (...) Mesmo elas me aborrecendo, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. (JESUS, 19__ , p. 11)

Ao escrever, Carolina se distancia da concretude da vida, da imediatez em que se encontra sua vizinhança, que ela tanto condena e menospreza. Conforme Carlos Vogt, no texto *Trabalho, pobreza e trabalho intelectual*:

O ponto de estranhamento entre Carolina e os favelados é, sem dúvida, o livro. Escrevê-lo foi a forma que encontrou para tentar romper o fechamento do mundo em que vivia. A esperança que deposita nessa experiência é grande. (VOGT, 1983, p. 210).

Carolina é catadora de lixo e sobrevive de restos embora nunca tenha se acostumado a isso, o que a causa tanto sofrimento e indignação. Ela cata papel, lata, ferro e, nas horas vagas, escreve. Escrever faz parte, para ela, de um compromisso diário consigo mesma. Sobre seu trabalho de catadora de lixo, Carolina desabafa: “Depois fui catar lenha. Parece que vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade”. (JESUS, 19__ , p. 74).

Os dias de Carolina são marcados pela presença constante da fome e da preocupação permanente de arranjar algo para comer no dia-a-dia. Carolina recolhe dos restos dos lixos seus meios de subsistência e de seus filhos e também sua literatura, tal como o trapeiro de Baudelaire, analisado por Benjamin, em que “os poetas encontram o lixo da sociedade nas ruas e no próprio lixo o seu assunto heróico” (BENJAMIN, 1994, p. 78).

A realidade a que está inserida é mimetizada na sua escrita; toda árdua luta diária se revela na sua poesia, mas o fato de colocar sua experiência trapeira nos papéis, distancia Carolina do prosaico que se encontra elevando-a ao sublime. Benjamin dizia que todo artista tem um pouco de trapeiro, de mendigo, catador de lixo. Para ele, o

poeta, quando lida com o prosaico, estaria descendo “das alturas” e tratando do trapeiro, mas Carolina é a própria trapeira, ela já se encontra no prosaico, e a escrita parece ser a maneira que esta encontra para chegar ao sublime.

Desse modo, Carolina é a trapeira, a catadora de lixos, sua vida é ela em si subsidiada pelo lixo, e a escrita é o que a torna, dentro de seu espaço, a estranha, a diferente e incompreensível favelada que escreve. O fato de escrever soa na favela como loucura, como é possível notar quando Carolina nos conta o que seu filho lhe contara: “José Carlos ouviu a Florenciana dizer que eu pareço louca. Que escrevo e não ganho nada” (JESUS, 19__ , p. 53).

Quando sai no jornal uma matéria sobre seu diário, Carolina compra a revista e sai mostrando a todos. Ela quer que todos saibam que escreve e que sua escrita está repercutindo.

Carolina se orgulha em dizer que não casou e que isto não a torna infeliz, afinal:

(...) um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. (JESUS, 19__ , p. 45).

Além disso, Carolina utiliza o fato de todos saberem que ela escreve um livro para ameaçar seus vizinhos, dizendo que escreverá tudo o que acontece. Quando ela quer denunciar alguém ou algum político, ela escreve o nome completo, de maneira a revelar a pessoa para que todos saibam, como faz com Orlando Lopes, o encarregado da luz, com quem teve algumas discussões. Do mesmo modo que quando não quer revelar alguém, omite seu nome, como no caso do pai de Vera Eunice.

Quando um jornal publica uma reportagem falando do diário de Carolina, alguns moradores vão até ela para “tirar satisfação” sobre o que teria escrito a seus respeitos no “tal” livro. Carolina nos relata a reação dos seus vizinhos na passagem que segue:

João me disse que o Orlando Lopes, o atual encarregado da luz, havia me xingado. Disse que eu fiquei devendo quatro meses. Fui falar com o Orlando. *Ele me disse que eu puis na revista que ele não trabalha.*

- Que história é esta que eu fiquei devendo quatro meses de luz e água?
- Ficou sim, sua nojenta. Sua vagabunda!
- *Eu escrevo porque preciso mostrar aos políticos as péssimas qualidades de vocês. E eu vou contar ao repórter.*
- Eu não tenho medo daquele puto, daquele fresco! (JESUS, 19_ _, p. 160, grifos meus).

Em outro momento, Carolina de Jesus nos conta que, quando indagada sobre o que escrevia, teria dito: “todas lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana” (JESUS, 19_ _, p. 19). Vogt diz que o diário de Carolina “aparece freqüentemente como uma espécie de livro de São Miguel, livro do juízo, onde ameaça anotar os comportamentos ‘errados’ de seus vizinhos” (VOGT, 1983, p. 210).

Carolina sabe que tem em suas mãos uma arma valiosa: a escrita. Esta é usada por ela tanto para denunciar os preconceitos, os olhares de desprezo e de nojo quando recolhe ao lixo do qual irá se alimentar quanto as injustiças sociais e políticas encontradas na cidade de São Paulo, cuja tradução poética se resume bem e com grande sensibilidade quando assim define a capital paulista:

Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visitas. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (JESUS, 19_ _, p. 27).

Também suas conversas com outros moradores nos é revelada no seu diário e trazem um certo gosto de denúncia para além da poesia. É o caso do relato da conversa que teve com uma nova moradora da favela que assim teria respondido ao ser indagada sobre estar ou não morando ali:

Estou. Mas faz de conta que não estou, porque eu tenho muito nojo daqui. Isto aqui é lugar para os porcos. Mas se pusessem os porcos aqui haviam de protestar e fazer greve. Eu sempre ouvi falar na favela, mas não pensava que era um lugar tão asqueroso assim. Só mesmo Deus para ter dó de nós. (JESUS, 19_ _, p. 43).

Um trecho de *Vinho dos Trapeiros* de Baudelaire, citado por Benjamin, parece descrever Carolina de Jesus, a poeta trapeira que do lixo recolhe tanto subsistência alimentícia quanto palavras para compor sua literatura:

Aqui temos um homem – ele tem de recolher na capital o lixo do dia que passou. Tudo o que a cidade grande jogou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que destruiu, é reunido e registrado por ele. Compila os anais da devassidão, o cafarnaum da escória; separa as coisas, faz uma seleção inteligente; procede como um avarento com seu tesouro e se detém no entulho que, entre as maxilas da deusa indústria, vai adotar a forma de objetos úteis ou agradáveis. (Baudelaire apud Benjamin, 1994, p 78).

A obra de Carolina nos mostra o que significa para ela registrar o que vivencia. A escrita é usada como arma – que é voltada para denunciar tanto as “falcatruas” de sua vizinhança, quanto aos descasos políticos que nada fazem pela São Paulo existente nas favelas, trancafiadas no quarto de despejos como se fossem objetos em desuso. Além disso, serve de conforto à fome, de alimento que lhe preenche a alma. Sua alma é de poeta e, como ela própria nos diz, “o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (JESUS, 19_ _, p. 33). E é escrevendo que Carolina de Jesus consegue fazer algo pelo povo sofrido, que não manifesta suas dificuldades como ela faz, mas que, como ela, enfrentam a luta árdua, intensa e constante para a sobrevivência. Como ela nos diz:

... Aqui na favela quase todos lutam com dificuldade para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isso em prol dos outros. (JESUS, 19_ _, p. 30).

Como podemos perceber, o diário de Carolina de Jesus nos revela, de maneira comovedora e envolvente sua sensibilidade para com a vida e sua certeza de que, escrevendo, possui um grande potencial de diferenciação, de denúncia e inserção num mundo que a rejeita tal como ao lixo do qual depende. Conforme expressa Carolina, suas “palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incictrizáveis”. (JESUS, 19_ _, p. 44). Sua escrita é sua arma, que fere, mas que também consola a fome que a assola.

BIBLIOGRAFIA:

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III – Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

JESUS, Carolina de. *Quarto de despejo – diários de uma favelada*. São Paulo, Ed. Círculo do Livro, 19__.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. In SCHWARZ, Roberto (org). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.